



DE VOLTA À OURO PRETO

DE VOLTA À OURO PRETO

A volta a lugares que já conhecemos nunca ocorre sem expectativas que se apoiam nas experiências anteriores. Ao invés de apenas sonharmos com o que pode ser a viagem, começamos a nos lembrar de como foi a visita anterior e construir as novas expectativas.

Já havia estado duas ou três vezes em Ouro Preto, sendo que numa dessas vezes com meus alunos da universidade, tendo naquela ocasião não apenas a vontade de aprender alguma coisa, mas a responsabilidade de ensinar um pouco que fosse sobre o urbanismo e a arquitetura colonial brasileiros. Talvez já tenha se passado 20 ou 25 anos desde então e isso me levou a supor que a cidade estivesse muito melhor preparada para um turismo de conhecimento.

Frustrai-me. Tudo muito parecido com o que já vira em Olinda ou Salvador ou Belém do Pará. As ruas estão sempre povoadas de gente esperando viver de algum expediente proporcionado pelos turistas: alguém disposto a te arranjar um lugar para estacionar o carro, que você mesmo encontraria depois de uma ou duas voltas; oferecendo uma dica de hotel ou restaurante, onde sabemos que ganhará uma porcentagem pela indicação; outro disposto a te levar à melhor loja de pedras preciosas brasileiras; mais alguns apresentando-se como guias turísticas autorizados; além dos que ficam parados pelas esquinas ou se encostam nos carros e ficam olhando quem passa, sem você saber bem com que intenção.

No geral, o casario que compõe parte importante do patrimônio histórico de Ouro Preto está bem preservado, o que é muito diferente do que se encontra em São Luís do Maranhão, por exemplo, mas o excesso de letreiros, pequenos cartazes, toldos coloridos e carros estacionados rouba-nos qualquer perspectiva de conjunto um pouco mais completa e serena.

Não consegui fazer fotos razoáveis de quaisquer fachadas, porque há sempre algo na frente. Fico me perguntando em que circunstâncias e horários fazem seus registros os autores das fotografias que encontramos às dezenas na internet, como a da página anterior que extrai do link <https://viagemeturismo.abril.com.br/cidades/ouro-preto/>. Com certeza, não nos feriados de passagem de ano, nem tampouco entre 9 ou 17 horas.

Durante esses dias em que estou aqui, há menos gente pelas ruas do que esperava encontrar, talvez, porque a escolha preferida, nesse período de Réveillon e Ano Novo, sejam as praias ou a Disneylândia, mas pode ser também que a razão esteja nessa relativa falta de preparo maior para o turismo no Brasil. Lembrava que, em outras vindas à cidade, chamou-me atenção o número de estrangeiros, o que não percebo agora. Na maior parte dos casos, observo casais de jovem e meia idade, poucos com filhos, e vários pares homoafetivos dos dois sexos. Cruzei apenas com um casal estrangeiro no hotel em que estamos hospedados e três jovens que penso que são chineses num restaurante. No mais, paulistas, mineiros e cariocas é o que denunciam os sotaques pelas ruas.

De todo modo, estar em Ouro Preto é uma grande oportunidade para se voltar no tempo, rever testemunhos do Brasil Colônia e superlativar minha imaginação, a partir de um conjunto de objetos de todos os tipos que remontam sobretudo ao século XVIII, como esses ladrilhos portugueses que estão expostos no Museu da Inconfidência.



Jorge Luis Borges sempre gostou de tratar do tempo em seus contos e poemas. Com frequência fez referência a objetos que remanescem e contam sobre nós, enquanto vivemos e após nossa morte, coisas que ficam e, apesar de serem inanimadas, ganham razão e vida, pelo que fazemos com elas ou pelo que nossa imaginação ou conhecimento podem lhes dar sentido.

Os meus livros

*Os meus livros (que não sabem que existo)
São uma parte de mim, como este rosto
De têmporas e olhos já cinzentos
Que em vão vou procurando nos espelhos
E que percorro com a minha mão côncava.
Não sem alguma lógica amargura
Entendo que as palavras essenciais,
As que me exprimem, estarão nessas folhas
Que não sabem quem sou, não nas que escrevo.
Mais vale assim.
As vozes desses mortos
Dir-me-ão para sempre.*

Jorge Luis Borges

La rosa profunda

<https://citacoes.in/autores/jorge-luis-borges/citacoes-de-morte/>

Assim, eu me sinto em Ouro Preto, buscando dar algum sentido histórico a esse conjunto de fragmentos de tempo com os quais me deparo – construções, estátuas, pinturas, documentos, calçamento das ruas, louças e talheres nos museus, objetos à mostra nos antiquários – os verdadeiros e os fakes – tudo isso que parece ter ficado parado no tempo para que possamos imaginar o que pode ter sido o ciclo do ouro nessa região do Brasil.

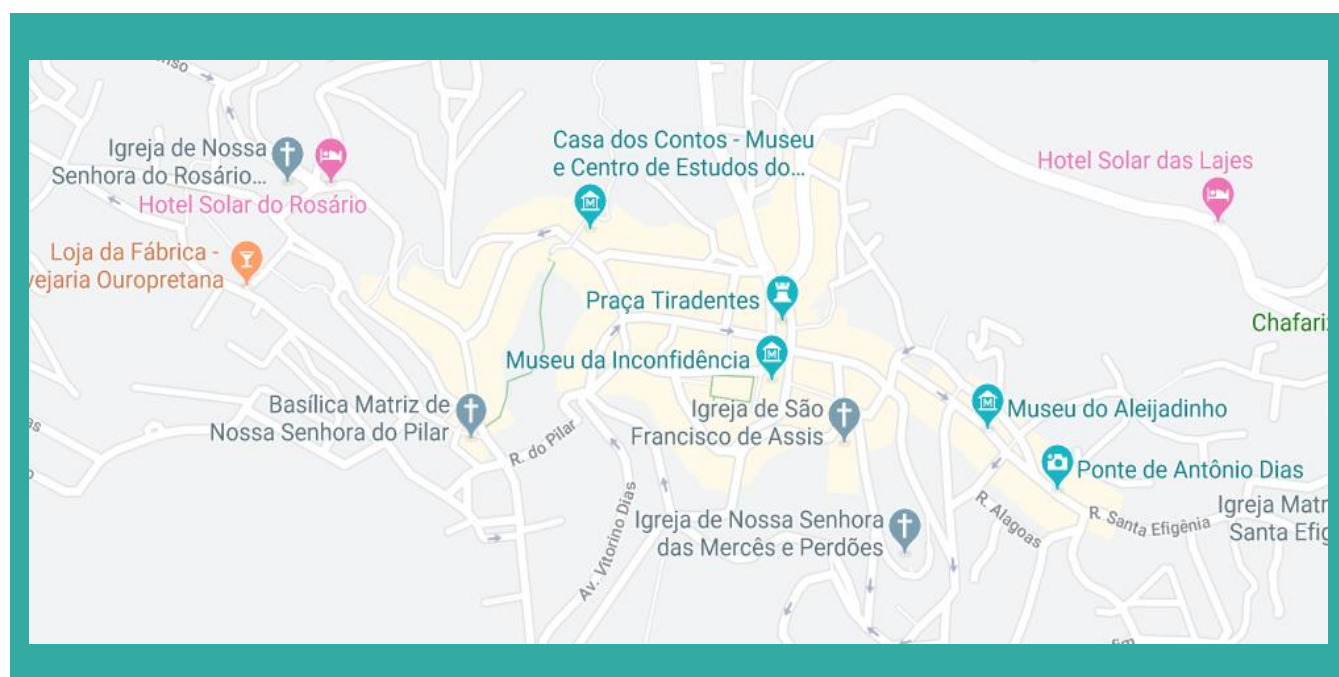
Aliás, nem havia a ideia de Brasil, o que só veio a se construir com a República, mas uma relativa identidade regional se constituía em função da exploração do ouro e outros minerais, o que explica

porque a região, no comecinho do século XVIII, era chamada apenas de Minas. Somente em 1710, surgiu a capitania denominada São Paulo e Minas de Ouro, para, em 1720, haver o desmembramento da que veio a se chamar Capitania de Minas Gerais, nome que permaneceu no período das províncias e é o mesmo do estado da federação, onde hoje se localiza Ouro Preto, antiga Vila Rica. O município foi fundado em 1711, a partir de vários arraiais que já existiam desde o final do século XVII, quando bandeirantes paulistas iniciaram sua ação nessa parte do território colonial.

Na Wikipédia, encontro uma informação curiosa: ela foi a cidade mais populosa da América Latina e na segunda metade do século XVIII alcançou 80 mil habitantes, enquanto Nova York tinha menos da metade desse contingente populacional e São Paulo ainda não havia alcançado os oito mil habitantes. Em 2010, o IBGE contabilizou 70.277 moradores em Ouro Preto.

A visita ao Museu da Inconfidência foi boa. Ele está instalado no grande edifício que, no passado, foi ocupado pela Cadeia Pública, no térreo, e pela Casa de Câmara, no segundo piso. Está localizado no core da cidade, em frente à Praça Tiradentes, como indicado nas duas imagens do Google Maps. Na segunda, assinalo com uma elipse azul a praça, com um círculo vermelho o atual museu e com um verde a edificação onde está o Museu de Ciência e Tecnologia da Universidade Federal de Ouro Preto.

A posição topográfica ocupada pelas duas edificações mais importantes, que estão nas pontas da grande praça, promove maior destaque ainda a elas, pois se encontram bem mais elevadas do que a cota em que está o centro do grande largo, mais ou menos de onde realizei o registro fotográfico que se segue, em 31 de dezembro de 2019, por volta de 21h, quando estava sendo preparado o palanque onde ficaria o conjunto que animou o Réveillon. Nas fotos subsequentes, extraídas da WEB (<http://www.bresil-photo.com/pages/voir.php?album=146> e <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/04/1443456-novo-governo-de-minas-mantem-populacao-excluida-da-celebracao-da-inconfidencia.shtml>), podemos notar melhor a situação geográfica do Museu da Inconfidência.







Do ponto de vista museológico, o que encontro na visita é razoável. Poderia haver mais sinalização interna para orientar a sequência das salas a serem visitadas e melhor posicionamento das placas explicativas em relação aos objetos expostos, bem como, comparando-se com outros museus, sente-se a ausência de pequenos vídeos e mapas explicativos dos contextos históricos e geográficos que dariam maior sentido ainda aquelas peças. De todo modo, a edificação está bem preservada e a coleção em exposição oferece uma boa noção do que terá sido Vila Rica no seu auge econômico e político, com destaque para as informações relativas à Inconfidência Mineira.

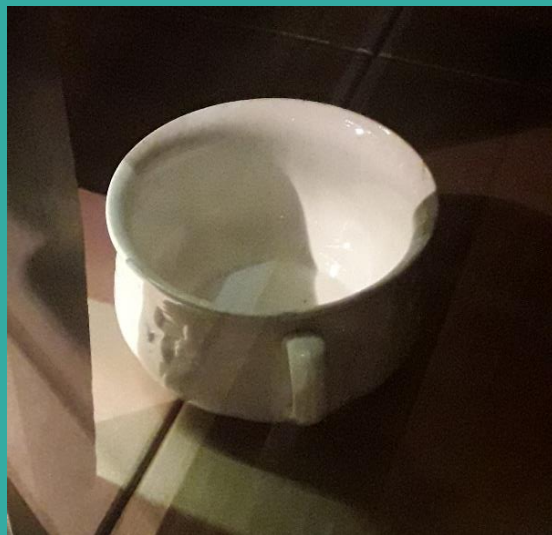
Volto aqui aos objetos inanimados que tanto contam sobre o passado, à medida que a eles damos vida com nossa observação. As duas grandes hastes em madeira que apoiaram o enforcamento de Tiradentes. A grande balança onde se pesava o ouro para mensurar o quinto que deveria ser encaminhado à Coroa Portuguesa.

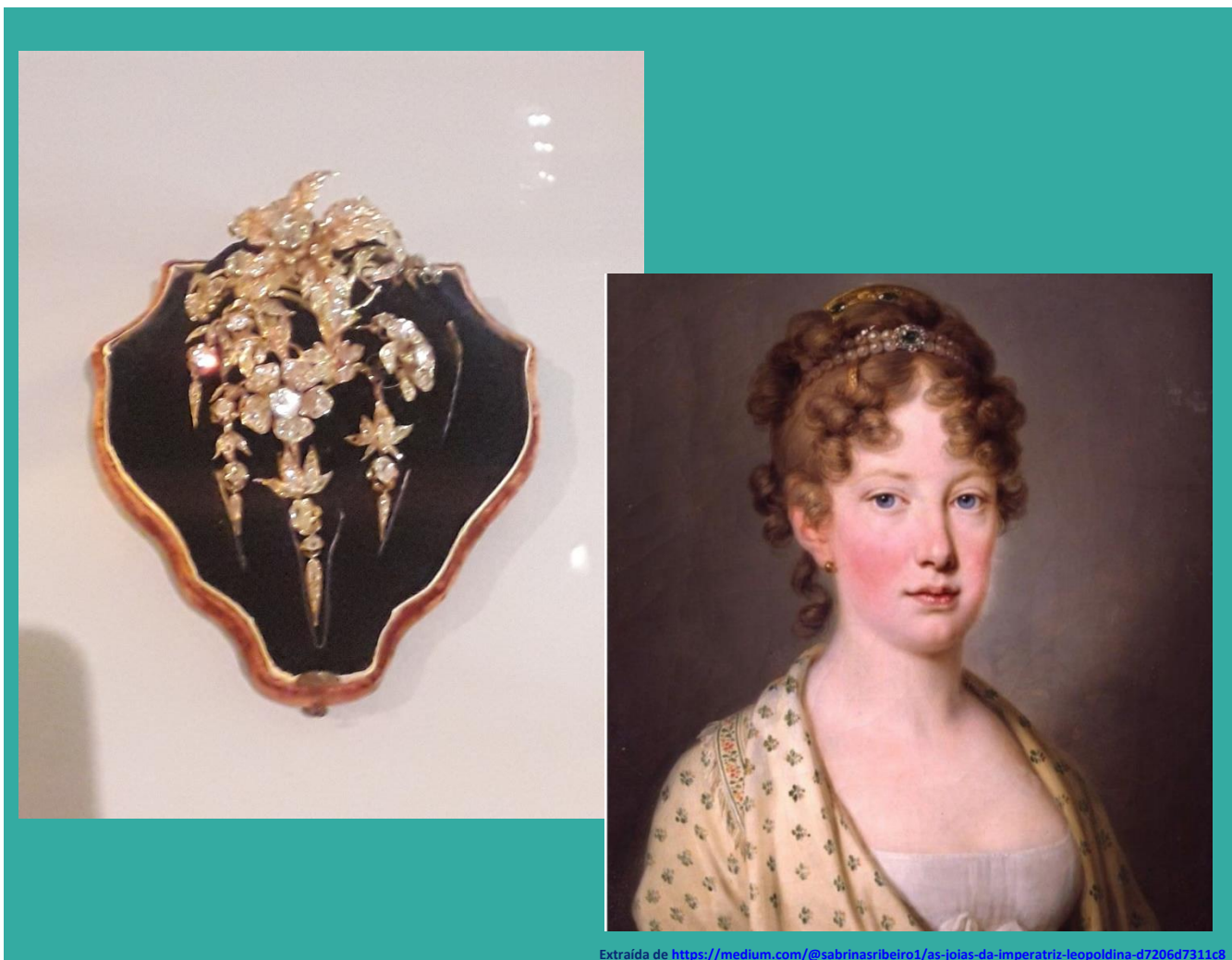


A coleção de cadeiras mostra como os homens e mulheres eram de menor estatura. As camas reforçam essa observação e nos contam que os membros da elite dormiam sozinhos – nada de casalzinhos abraçados, até porque eles se compunham menos por amor e mais por interesses.



É muito didático para compreender as mudanças no tempo, ver objetos que não tem mais sentido social e prático nos dias de hoje, como a escarradeira e o urinol, que nem por isso não são admiráveis como peças de porcelana que deviam ser bem mais simples nas casas dos mais pobres de então. A louça de mesa encanta, tanto quanto a joia que usava a Imperatriz Leopoldina, esposa do Imperador Pedro I.





Extraída de <https://medium.com/@sabrasribeiro1/as-joias-da-imperatriz-leopoldina-d7206d7311c8>

Os exemplares de telhas de louça branca e azul que lá estavam expostos me agradaram muito quanto as fechaduras e chaves – que portas teriam elas aberto ou fechado?



A quantidade de altares em madeira, muitos deles adornado com pinturas, impressiona durante a visita. Neste museu, só há duas obras ao Aleijadinho, a da direita que é original e a da esquerda que é uma réplica de uma das que estão na cidade de Congonhas.





Carminha Beltrão
Janeiro de 2020